

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

[http://www.dissoc.org/es/ediciones/v12n03/DS12\(3\)Possenti.html](http://www.dissoc.org/es/ediciones/v12n03/DS12(3)Possenti.html)

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2018 by Universitat Pompeu Fabra/Departamento de Traducción y Ciencias del Lenguaje. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



DISCURSO

& SOCIEDADE

Copyright © 2018
ISSN 1887-4606
Vol. 12(3) 581-593
www.dissoc.org

Artigo

A misoginia como condicionante do golpe de 2016 no Brasil

***Misogyny as a condition of the 2016 coup in
Brazil***

Sírio Possenti

Departamento de Linguística – Universidade Estadual de Campinas
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento

Resumo

O trabalho sustenta que a misoginia foi fator relevante para o desfecho do golpe de Estado ocorrido no Brasil em 2016, que culminou com o afastamento da presidenta eleita Dilma Rousseff. Em primeiro lugar, documentam-se brevemente discursos que tratam negativamente da mulher Dilma, especialmente na mídia, eventualmente repercutindo depoimentos de personalidades e de políticos. Em seguida, caracteriza-se a misoginia pela breve análise de alguns fatos, como as manifestações ocorridas na abertura da Copa do Mundo. Finalmente, analisam-se excertos de dois livros: um que reúne páginas humorísticas (Diário da Dilma), que representam de maneira derrisória suas ações de governo e/ou sua suposta vida doméstica; outro, Dilmês, o idioma da mulher sapiens, que tenta caracterizar a então Presidenta como mentalmente confusa, “analisando” determinados pronunciamentos de maneira desinformada e preconceituosa.

Palavras-chave: Misoginia, Humor, Política, Golpe de Estado.

Abstract

The paper states that misogyny played a big role in the outcome of the coup that took place in Brazil in 2016, culminating in the removal of the elected president Dilma Rousseff. First, a negative characterization of Dilma as a woman is documented, especially in the media, eventually echoing in testimonials from personalities and politicians. Thereafter, misogyny is characterized by the brief analysis of some facts, such as the manifestations carried out at the opening of the World Cup. Finally, certain excerpts from two books are analyzed: a humorous one (Diário da Dilma), which features in a deride way actions of her government and/or of her supposed domestic life, and Dilmês, o idioma da mulher sapiens (Dilmês, the language of the woman sapiens) which tries to characterize president Dilma as mentally confused, by “analyzing” some of her speeches and pronouncements in a bigoted and prejudiced way.

Keywords: Misogyny, Humour, Politics, Coup d’Etat.

Introdução

Este trabalho, que é mais um ensaio do que um artigo “científico”, defende a tese de que a misoginia foi um dos ingredientes que favoreceram o golpe parlamentar-midiático ocorrido no Brasil em 2016, que destituiu do cargo a presidenta Dilma Vana Rousseff. Como se sabe, (a) o processo foi inicialmente fundamentado em parecer do Tribunal de Contas da União (TCU), órgão que oficialmente assessora o poder legislativo na sua função de análise das contas do executivo, segundo o qual a Presidenta teria cometido duas ilegalidades, que foram chamadas de “pedaladas fiscais”; (b) o desenrolar do processo na Câmara dos Deputados deixou bastante claro que os argumentos jurídicos foram praticamente desprezados, já que a maioria dos votos foi justificada com outros motivos¹: o desempenho do governo seria negativo; Dilma não tinha apoio parlamentar; acusada repetidamente (na mídia² e em especial nas redes sociais), de ser “de esquerda” (bolivariana), por apoiar causas que desagradavam à porção mais conservadora da sociedade brasileira, como a política de cotas e dedicadas às minorias em geral, e a mudança da legislação trabalhista em relação às empregadas domésticas; a falta de traquejo para negociar com os políticos etc. O “conjunto da obra” foi a justificativa explícita de uma quantidade relevante dos votos de deputados favoráveis ao prosseguimento do processo de impeachment (que muitos chamam claramente de golpe, sendo esta questão lexical um dos índices da divisão política da sociedade³).

A misoginia

Além destes fatores, houve outro, que permaneceu de certa forma na surdina, exceto por algumas manifestações nunca totalmente explícitas (em público, pelo menos) por parte dos que decidiram o processo, mas que de fato esteve sempre presente: a misoginia. O fato de Dilma Rousseff ser mulher – a primeira a exercer a presidência do Brasil – nunca deixou de funcionar como um ingrediente nas avaliações a que foi diariamente exposta, seja quando foi elogiada (como no período da “faxina”, no início de seu primeiro mandato), seja quando criticada, clara ou veladamente, por ser “confusa”, “irritadiça”, “mandona” ou “autoritária”. Eventualmente, por parecer estar “fora de si”.

A principal evidência de que ser mulher nunca deixou de ser um problema foram os tradicionais comentários sobre suas roupas e sua aparência. No entanto, sabe-se que estas questões afetam todas as mulheres que ocupam cargos políticos – basta ver como foi tratada a então presidenta da Argentina, talvez também por ser considerada uma parceira ideológica de Dilma Rousseff. Em relação a esta questão, além dos comentários sobre suas

roupas, especialmente sobre o vestido da posse, merecem destaque as contínuas referências a seu cabeleireiro, cujos serviços eram minuciosamente avaliados de diversas maneiras (o deslocamento para Brasília, o custo de cada sessão etc.).

Este tipo de comentário nunca ocorre em relação a políticos homens. Lula foi uma exceção, provavelmente por ser de origem operária; seus ternos e camisas (e sua barba aparada...) foram objeto deste mesmo tipo de comentário, especialmente porque estas roupas o distinguiriam do primeiro Lula, isto é, do candidato que aparecera nas primeiras campanhas com roupas e barba de operário. Ou seja: a moda nunca é uma questão quando se trata de políticos tradicionais, mas é quando se trata de mulheres e de “penetras”...

Aqui não se trata de avaliar tecnicamente a misoginia. Por isso, tomo como ponto de partida sua definição corrente (valho-me de uma encontrada na internet, anônima), que é a seguinte:

Misoginia é a repulsa, desprezo ou **ódio contra as mulheres**. Esta forma de aversão mórbida e patológica ao sexo feminino está diretamente relacionada com a violência que é praticada contra a mulher. A misoginia é a principal responsável por grande parte dos assassinatos de mulheres, também conhecido por **feminicídio**, que se configura como formas de agressões físicas e psicológicas, mutilações, abusos sexuais, torturas, perseguições, entre outras violências relacionadas direta ou indiretamente com o gênero feminino (<https://www.significados.com.br/misoginia/>).

Evidentemente, nem todos os traços que caracterizam a misoginia – ou ações que decorrem dela – afetaram Dilma Rouseff. Ela não foi assassinada nem sofreu violência física. Mas certamente foi alvo de repulsa e de desprezo, de agressões psicológicas⁴ e de avaliações negativas que nem sempre ousaram dizer seu nome, mas que a memória e a cultura (os pré-discursos, na acepção de Paveau (2006)) permitem identificar.

Os fatos

Cito, a seguir, um conjunto de fatos e afirmações que, bastante disseminados⁵, contribuíram, para criar (ou sustentar) uma imagem negativa, mesmo que um tanto difusa, de Dilma Rouseff.

O primeiro é uma capa da revista ISTOÉ, cuja chamada é AS EXPLOSÕES NERVOSAS DA PRESIDENTE. A capa inclui uma foto em *close*, na qual Dilma parece estar gritando com alguém, o que seria uma confirmação da chamada de capa⁶. A matéria inclui passagens como as seguintes: “Uma presidente fora de si (...). Bastidores do Planalto nos últimos dias mostram que a iminência do afastamento fez com que Dilma

perdesse o *equilíbrio* e as condições *emocionais* para conduzir o país. DESCONTROLE: A presidente se entope de *calmantes* desde a eclosão da crise. Os *medicamentos* nem sempre surtem efeito, atestam seus auxiliares (acessível em https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/) (ênfases acrescidas, aqui e nos excertos seguintes)



Outros fatos ou declarações encontrados na internet mais ou menos aleatoriamente (um levantamento detalhado não parece necessário, até por ser repetitivo) são, por exemplo, “Cale a boca. Você não entende disso. Só fala besteira” (dirigida à deputada Maria do Rosário, de seu partido); “Você não percebeu que não posso atrasar, seu m... Ande logo com isso senão está no olho da rua!” (dirigida a um assessor). Ou trechos de reportagens como o seguinte:

(1) A presidente Dilma Rousseff irritou-se nessa quinta-feira (27) com um integrante da equipe do cerimonial do Palácio do Planalto (...). No momento em que caminhava, no entanto, foi interrompida por um membro da equipe, para que ela esperasse os atletas cadeirantes. Diante dos braços estendidos do funcionário, Dilma não escondeu o descontentamento. Ela gesticulou e mostrou-se visivelmente *irritada* com a atitude.

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2015/08/28/interna_politica,682709/dilma-fica-irritada-com-assessor-em-cerimonia-no-palacio-do-planalto.shtml

(destaque-se “irritada”)

Depoimento que vai na mesma direção é de seu ex-ministro da Educação, Renato Janine Ribeiro:

(2) Ela tem um *gênio difícil*, ninguém vai negar isso, mas ninguém pode ser condenado por ter um gênio difícil. Pode ser uma falha, mas não é um crime. (<https://www.revistaforum.com.br/semanal/renato-janine-dilma-e-alvo-de-injustica/> (destaque-se “gênio difícil”).

Mas há também afirmações em sentido contrário, como a de um jornalista:

(3) É notório o *carinho* com que **Dilma Rousseff** trata os seus auxiliares, mesmo em lugares públicos. Na segunda-feira passada, em São Paulo, Dilma deu mais uma dessas demonstrações. <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/o-carinho-de-dilma.html>(a foto que estampa esta matéria é de uma Dilma sorridente).

Complementa este retrato “contraditório” a seguinte matéria, de autoria de um veterano jornalista:

(4) Para quem acompanha a política nacional pela leitura de colunas da grande imprensa, dá a *impressão* de que a presidente Dilma Rousseff vive *irritada*, dando *bronca* em todo mundo (...). Será que é isso mesmo? (...) [fiz] uma rápida consulta ao Doutor Google para saber a quantas anda o humor da nossa presidente. Pois o resultado me surpreendeu. (...) descobri que a presidente (...) anda muito mais *feliz* do que irritada, *elogia* muito mais do que dá broncas e cobra bastante os seus auxiliares, mas não se esquece de *agradecer*. Aos números das citações no Google sobre o humor de Dilma: Dilma *irritada*: 564.000; Dilma *feliz*: 8.760.000; Dilma *dá bronca*: 498.000; Dilma *elogia*: 3.090.000; Dilma *cobra*: 7.560.000; Dilma *agradece*: 2.500.000 (<http://noticias.r7.com/blogs/ricardo-kotscho/2011/10/14/dilma-irritada-ele-elogia-mais-do-que-da-bronca/>).

De fato, se buscarmos por “imagens de Dilma” no Google, a diversidade das expressões é a tônica dominante – mas as expressões alegres e preocupadas são claramente dominantes. Assim, considero que o destaque dado aos momentos de “irritação” decorre do fato de ela ser mulher, isto é, do fato de que qualquer comando ou ordem ou reclamação feitos por uma mulher são avaliados negativa e exageradamente.

Anoto em seguida o que considero serem as duas manifestações mais grosseiras contra Dilma Rousseff: (a) na abertura da Copa das Confederações, em 2013, no estádio do Maracanã, com platéia constituída basicamente por pessoas da classe média (sem “povo”), ao anúncio de sua presença a plateia respondeu com um coro de “Dilma, vai tomar no cu”; (b) montagem com seu rosto encimando uma “mulher” de pernas abertas sendo penetrada pelo instrumento com que se enche o tanque de combustível dos carros (tratava-se de um adesivo que podia ser comprado para ser colado nos carros...). Nem é necessário comentar esses fatos, tão clara é sua significação e sua agressividade contra a mulher Dilma.



Dois livros

O livro *Diário da Dilma* (São Paulo: Companhia das Letras, 2014) é uma coletânea que reúne as páginas publicadas na revista **Piauí**, assinadas por Renato Terra (que se apresenta como ghost-writer). O humor se caracteriza basicamente pela surpreendente narração de atos banais supostamente praticados por Dilma Rousseff como presidenta. Nunca se narra uma ação de governo ou uma decisão relevante, qualquer que fosse sua avaliação. Dilma só faz e pensa banalidades, frequentemente no âmbito doméstico. Eventualmente, não sabe o que acontece no governo, como, por exemplo, neste trecho:

(5) Misturei batida de kiwi com amarula. Acordei numa ressaca braba. Quando dei por mim, estava no gabinete diante de um tal Arthur Chioro. Jesus do céu, será que me deram um Boa Noite, Cinderela? O garçom logo me disse que o homem era ministro da Saúde.

Ou neste, em que Dilma é apresentada como se não estivesse a par dos problemas causados por uma grave crise hídrica; chama a presidenta da Petrobras (Graça Foster) pelo diminutivo, ou seja, como se fosse apenas uma amiga ou coleguinha:

(6) Como assim apagão? Será que o Filipão mandou uma indireta pra mim? A Gracinha diz que estou paranoica.

O seguinte vai na mesma direção:

(7) Gleisi me passou uma informação preciosa. Quando a gente lava roupa na máquina basta colocar meia xícara de bicarbonato de sódio antes do enxágue para neutralizar odores e mofo. Vou sentir falta dela na Casa Civil.

Gleisi Hoffman era a ministra da Casa Civil, mas não é sua atuação administrativa que é avaliada no Diário, e sim as soluções que apresenta para mezinhos problemas domésticos. Tanto Dilma quanto Gleisi são

tratadas como “mulherzinhas”, cujo horizonte é o funcionamento da sua casa, maneira de dizer que é isso que as mulheres sabem ou devem fazer. Veja-se mais um excerto:

(8) Michelle Obama pediu para os convidados irem de barriga cheia no seu níver de 50 anos. Austeridade é isso. Encaminhei a notícia pro Guido.

Guido Mantega era o ministro da Fazenda, pasta que em tese controla os gastos; no entanto, a sugestão da Presidenta não é propor uma política, mas citar um exemplo de economia “do lar”.

E ainda este:

(9) Bem que mamãe falou para eu não ficar abrindo a geladeira de biquíni. Peguei uma baita gripe.

Não se trata de Dilma discordar de especialistas sobre como governar; ela sequer consegue seguir os conselhos da mãe sobre como evitar resfriados(!). Outros exemplos praticamente falam por si – e vão todos na mesma direção.

(10) Quem é o cara da Casa da Moeda que eu demiti? Aliás, o que é a Casada Moeda?

(11) Gente, não sabia que limão ajudava a tirar gordura dos vidros.

(12) Estou gostando demais dessa minissérie do rei Davi. (...) Cada pedaço de homem de saíote, cada pernã!

Dilma é representada como incapaz, desligada, apegada apenas a questões domésticas ou fazendo comentários banais sobre homens bonitos, que é o que chama sua atenção em uma minissérie de caráter histórico.

Tenho sérias dúvidas sobre a eficácia do humor para a defesa ou crítica de qualquer causa. Não parece haver comprovação, por exemplo, de que piadas machistas aumentem o machismo, de que piadas racistas aumentem ou incrementem o racismo⁷. O que é certo é que tais piadas denunciam a existência desses discursos⁸. O mesmo se dá com os textos humorísticos sobre Dilma. Não há evidência de que tenham contribuído para sua queda, que tenham fortalecido os adversários, sejam eles os poderosos, sejam os integrantes da classe média (aliás, poucos leram esses textos...). As piadas retratam admiravelmente, no entanto, a concepção mais típica que a sociedade brasileira tem das mulheres. Seriam ignorantes (basta ver as piadas de loiras, outra fonte dos mesmos estereótipos) e interessadas apenas em questões domésticas, bem representadas aqui pelas receitas para tirar manchas⁹.

O segundo livro que mencionei, *Dilmês, o idioma da mulher sapiens* (Rio de Janeiro: Record, 2015), de autoria de Celso Arnaldo Araújo, também resulta de um conjunto de textos publicados em blogs durante os governos Dilma. É talvez a melhor representação de um tema que também foi

frequente na avaliação da então presidenta. Em resumo, ela seria confusa, confusão revelada na sua fala: “[o dilmês] tem o poder de empobrecer qualquer raciocínio” (p. 14), seria o “novo idioma da política brasileira”; [jamais produziu] “um raciocínio límpido, criativo. Uma tirada esperta. Um jogo de palavras que faça sentido lógico” (p. 15).

Enfim, ela teria criado um idioleto próprio. Não é certamente o caso de sustentar que Dilma fosse uma oradora brilhante (como Lula) ou mesmo que fosse a mais clara das expositoras, especialmente quando falava de improviso. O problema dos textos de *Dilmês*, no entanto, é a incapacidade total do autor fazer qualquer análise das falas de Dilma que fujam à camisa de força da gramática normativa da língua escrita. Uma das evidências de que Dilma fala um idioleto próprio, segundo o autor, é a frase “Pra mim sê pré”. Dilma disse isso em uma fase anterior à oficialização de sua candidatura. Para o autor, trata-se de uma frase cheia de erros. Acontece que esta é uma fala padrão no Brasil de hoje: “pra” (por “para”), “sê” (por “ser”) e a ocorrência de “mim” nessa posição sintática são fenômenos correntes na língua falada, e são enunciados diariamente por apresentadores de jornais na TV quando falam entre si ou chamam repórteres (e então deixam de ler no teleprompter), por narradores esportivos e (basta ouvir) pelos doutos participantes das mais sofisticadas mesas redondas exibidas na TV brasileira.

Outros exemplos de que ela seria confusa é que diz “ocê” (por “você”), uma forma regional, especialmente em Minas Gerais, onde Dilma nasceu, *sabê* por *saber*, sendo que a queda de R nos infinitivos é hoje a regra (o exemplo é “Olhar para nós mesmos e *sabê* que esse país conta fundamentalmente conosco”). É espantoso que um jornalista confunda expressões informais, especialmente marcas fonético-fonológicas, com falta de lógica ou de clareza.

Dilma também foi criticada porque diz (numa entrevista em que fala do México) que “Remédios Varo vai lá e faz... ela *bota* uma mesa”. Araújo acha que quem diz “botar” fala como se fosse uma criança de nove anos, ou seja, é pouco racional (p. 101). Nessa mesma entrevista, Dilma confessou não lembrar certos detalhes. O comentário do autor é: “Nomes e palavras lhe¹⁰ são eternos problemas; e quando o assunto é letras, o dilmês alcança seu estágio mais sombrio” (p. 101).

A leitura do livro é um tormento. Primeiro, porque há longas falas transcritas, e quem já fez a experiência de ler falas transcritas sabe como é difícil dar-lhes sentido, dadas as interrupções, as repetições, as pausas etc.¹¹, diferentemente de quando se ouvem as fitas (e ainda mais quando se ouvem as pessoas...), porque então tudo parece normal. Em *Dilmês*, além de ler as falas, é preciso suportar a ignorância do autor e os seus preconceitos.

Os textos que o livro reúne são uma pequena amostra de comentários frequentes, tanto em conversas (não documentadas, por razões óbvias) quanto nas redes sociais e, eventualmente, em jornais. Assim, foi sendo construído um imaginário segundo o qual Dilma, além de ser autoritária e irritadiça, não era boa gestora, porque, afinal, era confusa. Se Lula foi estigmatizado por manter certas marcas gramaticais típicas de um falante com sua história popular, Dilma ficou marcada como confusa. Para que confusão seja associada à mulheridade basta um passo, que, aliás, foi um dos que mais frequentemente foram dados na história da humanidade.

Conclusões

Os fatos e dados recolhidos e brevemente analisados, embora parciais, permitem sustentar que se construiu uma imagem de Dilma insistentemente marcada pela ênfase em alguns traços negativos. Este comportamento configura claramente misoginia, que contribuiu, embora isso nunca tenha sido claramente explicitado¹², para que seu mandato fosse solapado. Os estudiosos do golpe não cessam de dizer, e a tese vai se tornando cada dia mais convincente, que se tratou de afastar um projeto político para implantar outro. Sabe-se que decisões deste tipo não podem ser tomadas sem justificativas (e mesmo sem basear-se em algum tipo de verdade, diria Foucault). Também se sabe que, em casos desta envergadura, as verdadeiras razões nunca se tornam públicas, a não ser, talvez, 30 ou 40 anos depois, quando se publicam documentos do governo americano... As razões explicitadas para a derrubada de Dilma foram as pedaladas fiscais ou o conjunto da obra, conforme o caso. Mas o argumento mais repetido foi que Dilma perdeu apoio no congresso, e a razão invocada mais frequentemente para explicar esta situação foi sua propalada incapacidade de negociar, decorrente de sua impaciência, de sua irritação. À surdina (ou nem tanto, como se viu), sempre se dizia que era autoritária, durona, que perdia as estribeiras, além de ser confusa. Estes discursos equivaliam praticamente a dizer que estava sempre de TPM, um estado típico de “mulher”.

Notas

¹ Para uma história do processo político, que remonta a 2012, ver Ab’Saber (2016).

² Para uma análise do papel da mídia no processo, ver van Dijk (2017)

³ Ver Possenti (2016) para uma análise da oposição “golpe” VS “impeachment”.

⁴ A tortura física a que foi submetida remonta a sua juventude, durante a ditadura.

⁵ Ver no anexo um conjunto de afirmações mencionadas em perfil da Presidenta publicado pela revista *Piauí*.

⁶ Ao lado da foto da capa, está uma imagem que correu o país: Dilma, calmíssima, sendo interrogada por um Tribunal Militar durante a ditadura; ilustra matéria que denuncia a matéria da revista

⁷ Talvez a melhor sustentação desta hipótese esteja na tese de Raskin sobre as piadas serem enunciados *non bona fide*, isto é, não comprometidos com a verdade. A propósito, mesmo a personagem Dilma Bolada, (que se pode ver, por exemplo, em <https://www.youtube.com/watch?v=M1btZbgdtH8>), certamente uma caricatura de Dilma, teria tido qualquer papel além do de reforçar uma imagem misógina dominante.

⁸ O que Freud (1905) explica muito bem no capítulo “Os motivos do chiste”.

⁹ Lewis (2008), em livro destinado a discutir o possível papel do humor na queda do regime soviético, não chega a assumir uma posição clara sobre avaliar se as inúmeras piadas sobre a vida e o regime eram apenas uma forma de expor os vícios do regime e de ridicularizá-los ou se tiveram um papel em sua destruição.

¹⁰ Se Dilma empregasse este pronome nesta posição, de que seria acusada?

¹¹ O que prova, no entanto, que este não é um “problema” de Dilma Rousseff, mas um traço da língua falada.

¹² É provável que a força da misoginia se deva em grande parte ao fato de poucas vezes ser explicitada em público, como é o caso também do racismo brasileiro, que não existiria, segundo é corrente em alguns extratos sociais. Uma excelente explicação para este funcionamento “discursivo” está em Paveau (2006): é um de pré-discurso. Para uma definição clara, ver a página 23.

Anexo

O que segue são excertos de um perfil de Dilma Rousseff publicado na Revista Piauí (*A afilhada rebelde; o estilo, as ideias, as decisões e a ambígua relação de Dilma com Lula*, por Daniela Pinheiro (acessível em <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-afilhada-rebelde/> (edição 97, outubro de 2014). Eles repetem um conjunto de representações da presidente que colaboraram fortemente para a relação misógina que certamente contribuiu para o desfecho do golpe de 2016. As palavras e expressões em *itálico* são uma espécie de pré-análise. A aposta é que o leitor deste trabalho fará delas a mesma avaliação feita pelo autor.

O que ele [Lula] via como qualidade em Dilma, uma fatia do petismo e dos partidos aliados enxergava como *defeito* intransponível: o *voluntarismo*, as opiniões *fortes*, o *temperamento irascível*, a inexperiência política e até o *vocabulário prolixo*, de *falas longas e enfadonhas*, permeadas de termos técnicos. Um dos mais próximos interlocutores de Lula disse ter sempre defendido que ela precisava de “*assessoria emocional*” para ser presidente.

Recentemente, um petista paulista resumiu o caso: “Essa *inabilidade política*, misturada com *arrogância*, marcou as ações dela. Como pôde achar que era ligar, *ameaçar* o vice e ele ia pedir desculpas?” Mas Dilma saiu maior do episódio: era ela *brigando* quixotescamente contra os venais da política.

Logo se evidenciou que a *comunicação* era um *empecilho* incontornável no caso de Dilma: ela se expressava numa *sequência de elipses de árdua compreensão*; suas frases eram *desconexas*, longas, *truncadas*. A imprensa registrou: nascia o *dilmês*.

Um ex-ministro do governo Lula, com quem Dilma trabalhou diretamente na Casa Civil, presenciou cenas de *descontrole*. “O que é perverso é que os esporros dela são sempre para quem está embaixo. Ela sabe com quem pode *gritar*. É que nem lobisomem, sabe para quem pode aparecer”, disse, irônico.

Nas ocasiões em que se permitiu baixar as armas – foram dez –, Dilma chorou em público. “Ela sempre tratou o governo como uma grande família. E sempre no papel da mãe *durona*, *repressora*, que coloca de castigo o ministro que desobedece”, comentou um ex-integrante do Ministério da Fazenda.

Referências

- Ab’Saber, T. (2015).** *Dilma Rousseff e o ódio político*. São Paulo: Hedra.
- Freud, S. (1905).** *O chiste e sua relação com o inconsciente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lewis, B. (2008).** *Foi-se o martelo*. Rio de Janeiro: Record. 2014
- Paveau, M.-A. (2006).** *Les prédiscours; sens, mémoire, cognition*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.
- Possenti, S. (2017)** Diferenças condensadas em palavras. in: *Revista de Estudos da Linguagem* 24 (3). Belo Horizonte, FALE-UFMG. 1075-1099. Acessível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/issue/view/513>. ISSN 2237-2083.
- Raskin, V. (1985).** *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht: D. Reidel.
- Van Dijk, T. (2017).** How Globo media manipulated the impeachment of Brazilian President Dilma Rousseff. In: *Discourse & Communication* vol. 11, (2). 199-219.

Nota Biográfica

	Sírio Possenti é licenciado em Filosofia (1966). Tem mestrado (1977) e doutorado (1986) em Linguística. É professor titular no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (Unicamp). Estuda humor. Tem interesse pelos discursos jornalístico e publicitário. Dedicou-se ao estudo de textos breves, especialmente piadas, pequenas frases e fórmulas. Publicou <i>Discurso, estilo e subjetividade</i> pela Martins Fontes (1988); <i>Por que (não) ensinar gramática na escola</i> (1996) e <i>Os humores da língua</i> (1998) pela Mercado de Letra; <i>Os limites do discurso</i> (2002), <i>Questões para analistas do discurso</i> (2010), <i>Questões de linguagem</i> (2011) e <i>Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso</i> (2018) pela Parábola e <i>Humor, língua e discurso</i> (2010) pela Contexto. Traduziu diversas obras de Dominique Maingueneau. E-mail: siriop@terra.com.br
---	--